

FAUSTO CARDOSO: A REVOLTA

BRITTO, Adriana dos Santos
naninhabritto@gmail.com

MARQUES, Aline Chaves
alinemarques2000@yahoo.com.br

SANTOS, Carolina Maria Alvarez
carolalvarez2005@hotmail.comP

LIMA, Luiz Eduardo de Andrade (Orientador)
Pós- graduado em Educação e Diversidade
Professor dos cursos Letras Português da Universidade Tiradentes
leduardoalima@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo aborda a trajetória de Fausto Cardoso dando ênfase a sua revolta que causou tragicamente sua morte. Para realização do trabalho foram coletados dados sobre a vida e carreira política do revolucionário que em 1906 organizou o povo e liderou uma marcha contra o Palácio do Governo, então ocupado pelo desembargador Guilherme de Souza Campos, irmão do monsenhor Olímpio Campos, líder político de projeção, ex- Intendente da Capital, ex-presidente do Estado, naquele ano cumprindo mandato de senador. Ainda inconformado, Olegário Dantas junto ao povo de Sergipe resolveram coletar recursos necessários para a criação do monumento histórico feito em sua homenagem no ano de 1912, na principal praça de Aracaju, pois para os sergipanos seria uma forma de gratidão para com o herói que os honrou com maestria e grandeza de um verdadeiro ser humano capaz de derramar o seu sangue pela população de forma inesquecível e dolorosa., vindo a morrer tragicamente por defender seus ideais. Por fim, todo o material foi analisado e partimos para as discussões necessárias para a concretização do trabalho.

PALAVRAS-CHAVES: Fausto Cardoso, Revolta, Monumento, Sergipe, Herói.

ABSTRACT

The present article approaches Fausto Cardoso's path giving emphasis his/her revolt that caused his/her tragicamente death. For accomplishment of the work data were collected on the life and the revolutionary's political career that in 1906 organized the people and it led a march against the Government's Palace, then busy for Souza Campos' chief judge Guilherme, monsignor's Olímpio Campos brother, political leader of projection, former - Manager of the Capital, former-president of the State, in that year accomplishing senator's mandate. Still bitter, Olegário Dantas close to the people of Sergipe decided to collect necessary resources for the creation of the historical monument done in his/her homage in the year of 1912, in the main square of Aracaju, because for the sergipanos it would be a form of gratitude to the hero that honored them with mastery and a true human being's greatness capable to spill his/her blood for the population in an unforgettable and painful way., coming to die tragically for defending yours idealizes Finally, the whole material was analyzed and we started the necessary discussions for the materialization of the work.

WORD-KEY: Luxury Cardoso, Riots, Monument.,Sergipe, Hero.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, o objetivo principal é apresentar a verdadeira história sobre a Revolta de Fausto Cardoso, este era sinônimo de liderança política e dignidade frente ao seu povo e reconhecer o devido valor do mesmo e sua transição de chefe político fracassado para mito da sociedade sergipana. Explanar-se-á também dados biográficos sobre o autor e sua trajetória política em Sergipe.

É de grande importância relatar que a sociedade sergipana traga sempre acessas discussões e estudos sobre a história de Sergipe através de figuras tão essenciais do estado como Fausto Cardoso. A morte trágica de Fausto Cardoso, ocorrida no dia 28 de agosto de 1906, cobriu Sergipe de luto e tirou momentaneamente dos sergipanos a idéia de luta, de afirmação, de busca de unidade social para construir alternativas livres.

Iniciou-se a nossa experiência investigativa com a leitura do livro Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe Edição comemorativa da Revolta de Fausto Cardoso, pesquisas no dicionário Armino Guarani, leitura de jornais publicados na época e de alguns sites de pesquisas da internet citados posteriormente no referencial.

BIOGRAFIA

FAUSTO de Aguiar CARDOSO nasceu em Divina Pastora, no Engenho São Félix, em 22 de dezembro de 1864, filho de Félix Zeferino Cardoso e de Maria do Patrocínio de Aguiar Cardoso. Estudou as primeiras letras no lugar onde nasceu e depois continuou os estudos em Maroim e Capela, Aracaju, depois em Salvador, na Bahia, onde cursou o Secundário, no Colégio Sete de Setembro. Em 1880, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, assistindo ao Concurso de Tobias Barreto, em 1882, e sendo seu aluno bacharelou-se na turma de 1884.

Recém-formado, foi nomeado Promotor de Capela e em seguida atuou em Gararu, Riachuelo e Laranjeiras, onde permaneceu aproximadamente três anos, de 1887 a 1890, com pequena interrupção. No período como Promotor em Laranjeiras, participou ativamente da fundação do Clube Republicano e da redação do jornal local dedicado à propaganda republicana e que contava, também, com a colaboração redatorial de Felisbelo Freire e de Sílvio Romero.

Em 1890, foi destituído da Promotoria pelo Governo republicano que ajudou a formar. Decepcionado, atritado com Felisbelo Freire, mudou-se para o Rio de Janeiro onde passou a advogar e a ensinar. No magistério, foi professor de História Universal, Lente de História da Escola Normal e Diretor do Pedagogium. Foi também Professor de Belas Artes, da Escola de Belas Artes e, ainda Professor de Filosofia do Direito na Faculdade Livre de Direito.

Exerceu no Rio de Janeiro cargos importantes como Delegado Auxiliar, Secretário Geral da Prefeitura do Distrito Federal, no Governo do marechal Floriano Peixoto e Redator de Debates da Câmara Federal. Sua banca de advogado foi das mais concorridas na última década do século XIX e até 1906.

Dedicou-se ao jornalismo, desde que foi Promotor em Laranjeiras e aluno da Faculdade de Direito do Recife. Na capital pernambucana, redigiu o *Sahara*, em 1883, jornal engajado no movimento renovador da ciência e da cultura, que além de ser liderado por Tobias Barreto contava com a participação de outros sergipanos. Em Aracaju, Fausto Cardoso escreveu em *A Reforma*, dirigido por Gumercindo Bessa, e *Gazeta de Sergipe*, à época dirigido por Apulcro Mota, além do *Republicano*, transferido de Laranjeiras e que tinha como redator o professor Brício Cardoso. No Rio de Janeiro, colaborou em diversos jornais e revistas, destacando-se o *Correio do Povo*, *União Federal*, *O Debate*, *A Imprensa*, ao lado de Rui Barbosa, *Diário de Notícias*, *A Aurora*, *Revista Ítalo Americana* e *Revista Brasileira*.

O Poeta teve muitos dos seus poemas publicados pelos jornais e revistas do País, destacando-se os versos de *Taças* e de *Amor*, dois dos seus mais conhecidos sonetos. Escritor deixou nas páginas dos jornais e das revistas diversos ensaios sobre a ciência da história, direito, filosofia. Como filósofo publicou:

Cosmogonia Política e Americana, 1892;

Ensaio de Filosofia do Direito, 1895;

Lei Fundamental da História, 1895, original destruído em incêndio da *Imprensa Nacional*, em 1911;

Cultura e Civilização, 1895;

Concepção Monística do Universo, 1894;

Taxionomia Social, 1898;

Lei e Arbítrio, 1902;

Separata de Discurso pronunciado na Câmara Federal, em 9 de junho daquele ano.

O Político foi duas vezes Deputado Federal, uma entre 1900 e 1902 e outra em 1906, que deveria ter concluído o mandato em 1908.

Revolucionário, atrita-se mais profundamente com o grupo político do Monsenhor Olímpio Campos, funda o Partido Progressista e lidera em julho de 1906, um movimento revolucionário, formado por adeptos de várias partes de Sergipe, depondo o presidente do Estado, desembargador Guilherme de Campos, irmão do senador Olímpio Campos, que renuncia em 10 de agosto. A revolução de Fausto Cardoso, que ficou conhecida como "A Tragédia de Sergipe", levou ao Poder, na qualidade de Presidente Provisório, o desembargador João Maria Loureiro Tavares. Tropas legalistas, mandadas a Sergipe pelo Governo Federal, venceram as resistências e terminaram por matar, com tiros de fuzil e de espingarda, Fausto Cardoso, então cumprindo mandato de Deputado Federal.

Antes de morrer, com sede, pediu água numa casa da Praça do Palácio, também conhecida como Praça da República, esquina com a Rua de Pacatuba, teria dito: "Bebo a alma de Sergipe. Morro, mas a vitória é nossa sergipanos".

Fausto Cardoso morreu no dia 28 de agosto de 1906. A Praça, ponto de convergência dos movimentos sociais sergipanos, passou a ter o nome de Fausto Cardoso e no dia 8 de setembro de 1912, foi inaugurado pelo presidente do Estado general José de Siqueira Menezes, o Monumento no centro da Praça, feito pelo escultor Lourenço Petrucci, sendo orador o jurista Gumerindo Bessa.

“A liberdade só se prepara na história com o cimento do tempo e o sangue dos homens”. (FAUSTO CARDOSO)

FAUSTO CARDOSO, HERÓI DE SERGIPE.

Em 1906, Fausto Cardoso, advogado, poeta, político republicano, se apresentou ao eleitorado sergipano pleiteando uma vaga na Câmara dos Deputados. Em menos de vinte dias o Jornal de Sergipe, órgão oposicionista, radicalizou a crítica a situação dominante, convocando os eleitores para uma “guerra” cujo objetivo era a derrubada do Olimpismo. O mando do Monsenhor Olímpio Campos em Sergipe completava então sete anos, alijando, segundo o jornal, as mentes mais críticas e independentes.

No Rio de Janeiro, a numerosa “colônia sergipana” contribuía para fomentar a imagem de que a situação olimpista expulsara a inteligência sergipana. Os expatriados -assim se chamavam -obrigados a buscar oportunidades longe da terra, entendiam que o Monsenhor declarara “guerra aos que sabem ler”, porque ele “não gosta de homens de talento superior, capazes de bateram asas e voarem”.

Mais do que discordar da política de Olímpio Campos, Fausto Cardoso tinha divergência ideológica, científica, filosófica, levada às últimas conseqüências. Tudo pareceu ter começo no Recife, quando as novas idéias circulantes na Europa e trazidas ao Brasil provocaram forte impacto e encontraram a pronta e enérgica reação dos setores conservadores e da Igreja. A difusão das novas ciências, com seus enunciados e demonstrações revolvera o fundo arcaico do conhecimento, fazendo nascer uma nova cultura, como fenômeno da sociedade humana.

O resultado da eleição foi favorável aos opositores. Se um novo dispositivo legal proporcionara oportunidade às minorias, o processo de Reconhecimento de Poderes que ao final determinava quem eram os eleitos, tornou Fausto Cardoso o candidato mais votado. Então jubilosos, os vencedores festejaram, colocando no deputado eleito a esperança de que Sergipe se libertasse da oligarquia olimpista.

No dia 1º de agosto, precedido de toda a ordem, chegaria Fausto Cardoso em Aracaju. A recepção que Sergipe deu ao Deputado foi um ponto alto na sua biografia, de todo o Estado chegavam curiosos, correligionários com fisionomia e modos de vencedores. Os organizadores da visita conclamavam a população a receber o deputado “como quem recebe o libertador de uma terra vilipendiada e oprimida”

A REVOLTA

Das primeiras confabulações políticas resultou a criação do partido Progressista que, por gestões de Fausto Cardoso, teve um caráter amplo, obrigando diversos setores da oposição ao Olimpismo. Feito isto, no dia nove de agosto o deputado foi a Divina Pastora, alegando ir visitar o túmulo dos pais e cuidar de negócios da família. Por onde ele passou repetiu-se à festa e a aclamação. Há quem diga que esta viagem foi uma retirada estratégica de Aracaju, perfeitamente dentro dos planos da revolta, para despistar as autoridades. Fausto Cardoso teve que retornar às pressas para Aracaju, pois na madrugada do dia 10 de agosto eclodiu a revolta que levou à rendição os ocupantes do palácio. O governo olimpista asilou-se na Capitania dos Portos e exigiu a presença do Deputado para estabelecer as condições da rendição.

O presidente Guilherme Campos, o vice-presidente Pelino Nobre e o Senador Olímpio Campos, na presença do Capitão dos Portos, Amintas Jorge, conversaram longamente com Fausto Cardoso a quem pediram garantias de vida. O Capitão dos Portos testemunhou o presidente e o vice assinarem um documento de renúncia e entregarem a Fausto Cardoso, tudo pareceu correr num clima de máxima cordialidade.

Entretanto o juramento de não violência e de perdão não foi recíproco. Guilherme Campos tomou providências para demonstrar ter renunciado por coação e para requerer do Presidente da República a intervenção federal em Sergipe. As negociações feitas em nome do senador Olimpio Campos junto à facção política dominante no Congresso Nacional, o Bloco, como oportunidade de desafiar o

Presidente da República- amigo pessoal de Fausto Cardoso-e de trazer para as hostes pinheiristas um Governo Estadual até então recalcitrante.

A intervenção se fez, com a chegada de batalhões do Exército vindos da Bahia e de Pernambuco. O General Firmino Rego, comandante da tropa, chegou a Aracaju em 27 de agosto e no dia seguinte, logo cedo, comunicou a Fausto Cardoso que iria tomar o palácio e repor as autoridades depostas. Seco e objetivo, não quis ouvir os argumentos com que o Deputado tentou convence-lo.

Apesar do temperamento inflamado, Fausto Cardoso teve, no decorrer da revolta, papel de um moderador, tentando evitar atos de violência dos correligionários. Defendendo com convicção a legitimidade da causa abraçada, cuidou para que as providências do novo governo obedecessem á lei e conservassem o Estado em paz, evitando a desordem que configuraria base legal para intervenção. Em telegrama ao Presidente da Câmara dos Deputados, no dia 14 de agosto, declarou: “Toda oposição à minha obra abençoada pela Providência, reconhecida, aceita adversários, mudará em guerra sanguinolenta movimento nobilitador alma sergipana, feito sem uma só prisão”

(Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. p. 27 nº)

Contra os apelos do bom senso feitos por seus amigos e até por membros do governo progressista, o Deputado Conclamou:

“O palácio é dos sergipanos. Siga-me quem quer morrer comigo.”

Sem Armas e acompanhado por menos de vinte homens incluindo seu filho, Humberto, Fausto Cardoso subiu as escadas do palácio. Os soldados os

acompanharam apontando armas que logo atingiram o Secretário de Governo João Mota e feriram mortalmente o popular Nicolau do Nascimento. Indignado, desesperado, Fausto Cardoso foi agarrado pelo braço e arrastado para fora do palácio.

“Foi largado na calçada, a aglomeração crescera e Fausto continuava a concitar o povo á ocupação do palácio que pertencia aos sergipanos”. Abrindo o colete, dirigiu-se destemido aos soldados numa apostrofe veemente: “miseráveis, exército de bandidos, covardes, atirem, matem um representante da nação.” As suas últimas palavras foram abafadas pelo sinistro estampido de um disparo, partido da fila dos soldados; varado no ventre por bala cambaleou, caindo nos braços do filho, que com auxílio de amigos, o conduziu para o chalé, onde expirou “ No caminho, na esquina da Rua Pacatuba com praça do palácio, esvaindo-se em sangue, pediu água. Era a hora do último brinde:” Bebo à alma de Sergipe.” Todos os esforços dos médicos presentes foram em vão. Fausto calou para sempre e no tempo de meia hora estava morto. Houve uma publicação do Jornal Correio de Aracaju, onde traduz o sentimento dos sergipanos em relação a morte trágica de Fausto Cardoso:

Há fatos na História que resume épocas.

A morte trágica do Dr. Fausto Cardoso deu a sua personalidade, já, pelos dotes excepcionais, que a revestiam, merecidamente, digna, de aplausos e de festas, as proporções da celebridade, que moldam heróis, sagram mártires, imortalizam nomes.

A bala que cortou-lhe nos lábios a palavra eloqüente, que parou-lhe o palpitar do coração, no meio do abençoado sonho de sentimento altruístas e patrióticos; ao mesmo tempo, que, de um golpe, de Norte a Sul, enlutou uma nação, despertando esse concerto de soluços que, ainda perduram; de lágrimas que, ainda, correm: de gemidos, que, ainda, pungem, de saudades que não se extinguem, não se extinguirão nunca, fundiu, na praça pública onde ele tombou, para sempre, - saudando a Pátria e a liberdade, -o largo pedestal, onde, mais tarde, a sua figura romanesca e lendária, a sua imagem de revolucionário, á feição de Cristo, animado pela crença, fortalecida ela fé, iluminado pela doceira, há erguer-se ressurgindo para imortalidade e para glória,

consubstanciando, em si, a personalidade inteira de um povo, e preenchendo, a história, de baliza a baliza, toda a vasta extensão de uma época.

-Fausto Cardoso levou nas dobras de sua mortalha para o recesso sagrado e sombrio de seu túmulo, a alma inteira de Sergipe, aquela mesma alma que ele havia bebido no dolorido trajeto preenchido pelo transe de sua agonia, e, com ela, as esperanças e alegrias de todos os moços; as saudades e lágrimas de todas as virgens; os risos de todas as crianças; as bênçãos de todas as mães, a admiração afetuosa de todos os velhos, a dedicação, o culto, a idolatria de todos os patrícios; tudo que essa alma através dos tempos, tinha concentrado de mais preciso em talento, eloquência, patriotismo, sentimento e heroísmo, intenso feiche de rutilhos, raiosa culminar a coroa resplendente de sua glória.

É por isso que Sergipe, combalido e triste como um espectro, ronda e rondará sempre, em torno da sepultura em cujo fundo ele sente que a sua alma adormece ferida pelo mesmo golpe, que arrebatou o glorioso estremecido ninguém, como Fausto Cardoso, soube, mais alto, erguer o nome de Sergipe, ninguém por esse pedaço de terra, mais dedicou-se, esforçou-se, lutou e combateu, passou a vida, conquistando, dia a dia para seu Sergipe, renome e glórias, e, quando a morte o surpreendeu, foi, ainda, em defesa do que o sonhador e o crente presumia se a conquista de sua liberdade, e sua felicidade no presente, e sua grandeza no futuro.

-Entidade singular, quase única, esse homem que, num relance, ia da arrogância desmedida em provocar lutas, a doçura da demência em conceder perdões que passava do silêncio do gabinete, onde era filósofo, ao tumulto da praça pública, onde era revolucionário; que dominava as tribunas arrebatando pela eloquência e despertando almas, ao mesmo tempo que empunhava a lyra, fascinando pela harmonia e adormecendo corações; esse misto singular de luz e de sombras; invectivas assombrosas e de suavismos carinhos; que vibrava raios e que cantava; deixou o luminoso sulco, que todos conhecem, na trajetória que a sua mentalidade fecunda, o seu talento excepcional e soberbo traçou em vários e múltiplos campos dos conhecimentos humanos, sonhou com a hegemonia do direito, esboçou o Cosmo; desvendou paz a nú, na taxonomia social, o coração da história e criou a celebre lei que ocupou a atenção da Europa culta, altiva de sua luz e de seu saber; leia que lhe teria conferido os foros de gênio, se as seduções da política não o absorvessem, bastante, atraindo-o á voltrear e voltrear em torno da chama incandescente, que, por fim, queimou-lhe as asas, antes que por esse remate a sua gloriosa obra, escalou as colunas do jornalismo e a sua pena, como um estilete, golpeou de morte o coração dos tiranos; tomou de assalto todas as tribunas, desde as tribunas acadêmicas, onde seu verbo inspirado arrebatava a mocidade, presa a seus lábios, fascinada e escrava, até as tribunas judiciárias onde esse mesmo verbo transformava consciências, disputando aos cárceres, a liberdade humana, desde as tribunas dos comícios onde arrotava o povo, ensinando-lhe a quebrar algemas, forjar clavas nos supremos lances reivindicadores da liberdade e do direito até tribunas parlamentares, onde a todos levava de vencida, provocando o desespero das maiorias, o tormento dos governos, onde ele erecto, aldas, desferia golpes e despedia raios prendendo a atenção de todo país, empolgando, só para si todas as aclamações, todos os seus aplausos.

-Dir-se-ia que esse orador invejado e invejável, surpreendera segredo e se apossara do privilegio de transformar as tribunas no sino desse Sinai, onde entre as fascinações de mágica, palavra, formulava as leis da eloquência.

E quando cansado dos esforços empenhados pelo filosofo, das lutas travadas pelo jornalista, dos combates, tremendos suscitados pelo político das vitórias ruidosas alcançadas pelo orador era belo de ver como o poeta travava da lyra encantadora e sonora, a semelhança e Ossion, nas Muralhas de Morven, dava tréguas ao espírito e repousava e sonhava, deixando cantar o coração. E foi a esse homem filosofo historiador jornalista, orador, poeta, político e revolucionário, raro na sua originalidade, a quem era difícil medir elepticas descritas pelos vôos, tal era o vigor e arrojo das asas possantes de seu gênio; a quem uma bala de carabina, fulminou no apogeu de sua fama de seu renome quando concentradas em si todas as esperanças de uma pátria, todas as glórias de um povo.

Para Sergipe, para este adorado Sergipe, que no mesmo solo, soluça, hoje, em torno do seu tumulto, como outrora, contou em torno do seu berço; há neste momento uma aspiração, única; e que, como a sombra de banque perseguia a macbeth, nas alucinações do crime, não venha um dia afligir lhe a consciência o fantasma do remorso, alucinações da dor que ainda o tortura, que o há de torturar sempre.

-Que a história de Sergipe venha em breve nitidamente firmar que um elenco em que inscreve o batismo de seus filhos ao lado da victima gloriosa, não se vê escrito o nome dos algozes e então, a aspiração de hoje se transformará na prece de amanhã erguia aos céus como um hino de reconhecimento de paz e de amor: -bendito seja Deus, que dando-nos a dor cruel e ferina das saudades e dos gemidos ainda assim poupa-nos a maior de todas as dores.

-A dor suprema da vergonha e do O pobre!

-Dorme tranqüilo malgrado Fausto. Em torno do seu tumulto, velam, velara sempre, o coração de Sergipe; não há muito lê enviou-te esse mesmo coração, na multidão graciosa de suas origens que te foram cercar o tumulto de flores depois de haver enchido, à transbordar de lagrimas.

Dorme sonhador e crente, herói e mártir, que não te desperto e ruído de nossas lagrimas, nem mesmo esse rumor longínquo que se adivinha, e que se aproxima, e que são prenuncias das bênçãos e dos carinhos com que, a posteridade te espera para a imortalidade e para a gloria.

-São essas as homenagens pálidas embora, que o correio de Aracaju, do surgir no solo da mesma pátria, onde te encontra o túmulo, julga de seu dever prestar, curvando-se e descobrindo-se diante desse mesmo túmulo! (CORREIO DE ARACAJU, 14/10/1906).

João Mota é o único sobrevivente dos feridos no episódio, quem proclama, lembrando os fatos de 1906:

”Então o pequeno Sergipe agigantou-se diante da imolação de seu glorioso filho. Estremeceu de espanto, enxugou as lágrimas e, apesar do ambiente de terror criado por energúmenos que exploravam o governo repostado, foi uma glorificação sepultamento de Fausto!”
(Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, p. 28 ed. N° 35)

Os faustistas prepararam uma apoteose, sob a liderança de Gumercindo Bessa, só comparável à recepção feita em 1º de agosto. Os corpos de Fausto Cardoso e Nicolau do Nascimento - o príncipe e o plebeu, como os chamou Cabral Machado, foram conduzidos sob um coro de soluços.

O fato repercutiu em todo o país. Sessões na Câmara e no Senado homenagearam Fausto Cardoso; estudantes universitários em vários lugares também o fizeram. Os sergipanos residentes em outros estados se manifestaram. Mas foi em Sergipe que ele foi mais pranteado, mais cultuado e mais amado.

Com a ajuda da colônia sergipana no Rio, os amigos de Fausto Cardoso tentaram, em vão, conseguir a apuração dos fatos e o estabelecimento de culpados pelo seu assassinato. Esta situação terminou estimulando os filhos do Deputado a fazer justiça com as próprias mãos. Em 9 de novembro de 1906, o senador Olímpio Campos foi assassinado no Rio de Janeiro, pelos filhos de Fausto Cardoso.

Olimpismo e Fautismo se igualavam agora pela perda dos respectivos chefes, mas os olimpistas continuavam no poder, em condições de reprimir manifestações dos vencidos. Estes, entretanto, não se limitaram ao silêncio. Ao contrário, fomentaram uma desafiadora campanha em torno da memória de Fausto Cardoso, com efeitos importantes sobre os significados da revolta na historiografia

política de Sergipe. Uma inigualável batalha de memórias se estabeleceu. Os olimpistas deram ao seu chefe um enterro grandioso, recebendo com honras o corpo transportado desde o Rio de Janeiro. As missas fúnebres aconteceram em todo o Estado. Um ano depois, inauguraram um jardim na praça ao lado do palácio do Governo, denominando-o “Jardim Olímpio Campos” e em 1916 implantariam a estátua do Monsenhor na Praça da Matriz, que seria batizada com o seu nome, como foi também o Palácio do Governo.

Para honrar a memória do grandioso Fausto Cardoso foi realizado no ano de 1911 uma grande campanha com o objetivo de erguer um monumento á Fausto, ou seja, seria um monumento-túmulo, onde no topo desse túmulo estaria o seu busto, seria a primeira estátua da capital a ser colocada na praça mais pública de Aracaju.

Devido a este acontecimento, o jornal de Aracaju publicou a seguinte matéria:

“O Correio de Aracaju, ainda ferido pelo desolador e trágico fim do ilustre tribuno sergipano Fausto Cardoso, quer, assoando-se ao desapaixonado espírito da Pátria Sergipana, empreitar, com as livres consciências da população em peso, com o largo e magnânimo coração de todos os que pelo sangue ou pela idéia reservam no peito um lugar á memória de tão notável patrício, uma obra louvável, e a que se pode chamar de obrigação urgente.

Queremos erigir um mausoléu onde se possam guardar os preciosos restos de Fausto Cardoso, um mausoléu, que como uma alevantada cronológica de pedra, fique sendo para sempre o marco, o limítrofe sagrado e inviolável entre aquela vida brilhante que se extinguiu tão cedo, e a nossa pesada saudade, que se não extinguirá jamais. Para que o fim que ora vizamos, seja em breve realizado, aqui abrimos uma subscrição popular, onde cada pauta estará franca tanto ao vintém do operário honrado, que traz as mãos calosas pelo continuo moirer das lides, tanto a argêntea moeda que a donzela e a crença enfeite, como também á cédula valorosa do comerciante e do capitalista.

Como ficamos convictos, de que o povo se não fará esperar para levarmos a cabo tão insigne propostas, achamos prudente prevenir desde também, que o distinto cidadão Francisco Carlos Muniz,

conceituado negociante nesta praça, a nosso pedido, aceitou o cargo de tesoureiro da nossa empresa.” (CORREIO DE ARACAJU)

Para a construção do mausoléu, foi criada uma comissão presidida por Olegário Dantas, para angariar fundos, as doações a princípio seriam apenas de doadores Sergipanos, para dar maior importância ao grandioso ilustre homenageado, porém o grupo organizador resolveu aceitar doações de todo o país. Apesar das listas a serem subscrita foram organizadas festas e espetáculos cinematográficos para angariar fundos que permitiriam contratar o escultor italiano com escritório em São Paulo, Lorenzo Petrucci, que foi o responsável pela produção do monumento.

A imagem do herói foi imortalizada no bronze tornando-se claramente a figura de um grande cidadão civilizador, a inauguração do monumento seria um momento inesquecível na vida social de Aracaju, uma festa repleta de símbolos e modernidade e de elaborações sobre a identidade sergipana. Foi precedida a trabalho de melhoramentos urbanos na praça do Palácio, que passou a chamar-se Praça Fausto Cardoso. Foram postas nela em 19 de Abril de 1912 as placas doadas ao município pela comissão do monumento, a mesma foi oficialmente inaugurada sob o novo nome. No mês de julho chegou a estátua, causando grande curiosidade. Mas foi no dia 15 de agosto que aconteceu solenemente a transferência dos ossos do homenageado para a falda do monumento, as urnas com os seus ossos foram levadas em ardor, com a procissão precedida da banda de música policial que realizou marchas fúnebres. A solenidade teve como orador Olegário Dantas, postado sobre o pedestal da obra.

A estátua ficou em volta na bandeira nacional, enquanto prosseguiram os preparativos para a festa. Fausto Cardoso em nova vida. Este foi o timbre de apresentação da obra, que a imprensa considerou o batismo do homenageado nas páginas da história. Foi na presença da viúva, Maria Pastora Cardoso e de dois dos seus filhos, diante da praça lotada, ao meio dia de 08 de setembro de 1912, o então presidente do estado, Marechal Siqueira de Menezes e o Intendente de Aracaju, Napoleão Carvalho, tiraram o pano que cobria a estátua, este feito foi citado no Correio de Aracajú, numa narrativa emocionada: “Neste momento não havia nada que pudesse dizer o que agitou aquela multidão: todos unissonamente deixaram sair assim numa viva fortíssimo num estrépito formidável de palmas o orgulho e adoração fecundados que lhes germinavam no íntimo ante tão tocante cerimônia. Músicas tocaram, estrugiram foguetes, toques de corneta soaram, salvas do satélite {paquete que trouxe os familiares de Fausto Cardoso} embandeirado em arco repercutiam a emoção grandiosa do acontecimento monstruoso palpitava em todos os corações, fuzilava em todos os olhares e, sublime, grandioso, divino mesmo, ali estava apontado a posteridade uma época, anatematizando um crime ao seu pedestal de granito em que pairam as benções desta terra o eneo vulto do maior dos nossos coevos patrícios que dorme o sono da glória cercada de veneração. (Correio de Aracaju. Monumento a Fausto Cardoso. Aracaju, 11/09/1912, p. 1.).

Foi o orador oficial da cerimônia, Gumercindo Bessa, que explicou as razões da homenagem, anunciou Fausto Cardoso como herói e a causa dos faustistas como vitoriosa .

O Presidente da Comissão Olegário Dantas previu que o monumento seria a tribuna dos sergipanos e o altar para o culto do patriotismo. Aproveitou a oportunidade para pedir perdão à família pela sua morte e, apontando a estátua, declarou que Sergipe devolvia, imortal e perenizado. Em seguida, fez entrega do monumento ao Intendente de Aracaju, que aceitou, “em nome do município o depósito sagrado que acabava de ser confiado e prometia guarda-lo com o maior carinho e a acentrada devoção que merecia a memória do glorioso sergipano que ali estava representado.”

CONCLUSÕES

Ao analisarmos a obra em questão foi possível perceber que o objetivo de entender Fausto Cardoso superou as expectativas que tínhamos no início do trabalho, devido a importante orientação do professor Luiz Eduardo de Andrade Lima que nos deu todas as coordenadas para que o projeto se realizasse.

Esse artigo foi de fundamental importância para nossa vida acadêmica, pois nos possibilitou conhecer e valorizar a figura ilustre de Fausto Cardoso, perceber o quanto o mesmo contribuiu para a história política e cultural de nosso Estado. Este trabalho nos possibilitou levar a história da vida e Revolta de Fausto adiante, pois verificamos que, apesar de o mesmo ter sido grande herói do povo, atualmente poucos conhecem a verdadeira história de nosso grandioso Fausto Cardoso.

Sentimos-nos honradas e realizadas ao término deste Artigo, pois o mesmo foi de grande valor em nossas vidas não só como alunas, mas também como cidadãs sergipanas, pois agora sabemos que em nosso Estado existiu um revolucionário que

defendeu seu povo até a morte, dando seu sangue em busca de dignidade e respeito ao próximo.

Esperamos que este trabalho possa possibilitar a ampliação da consciência dos demais colegas para que eles dêem continuidade na prática investigativa da vida do nosso herói sergipano, que é para nós um bem comum, invistam na prática cultural do nosso país ampliando a capacidade de reflexão e de crítica, exercitando a sociabilidade e a cidadania dos nossos investigadores.

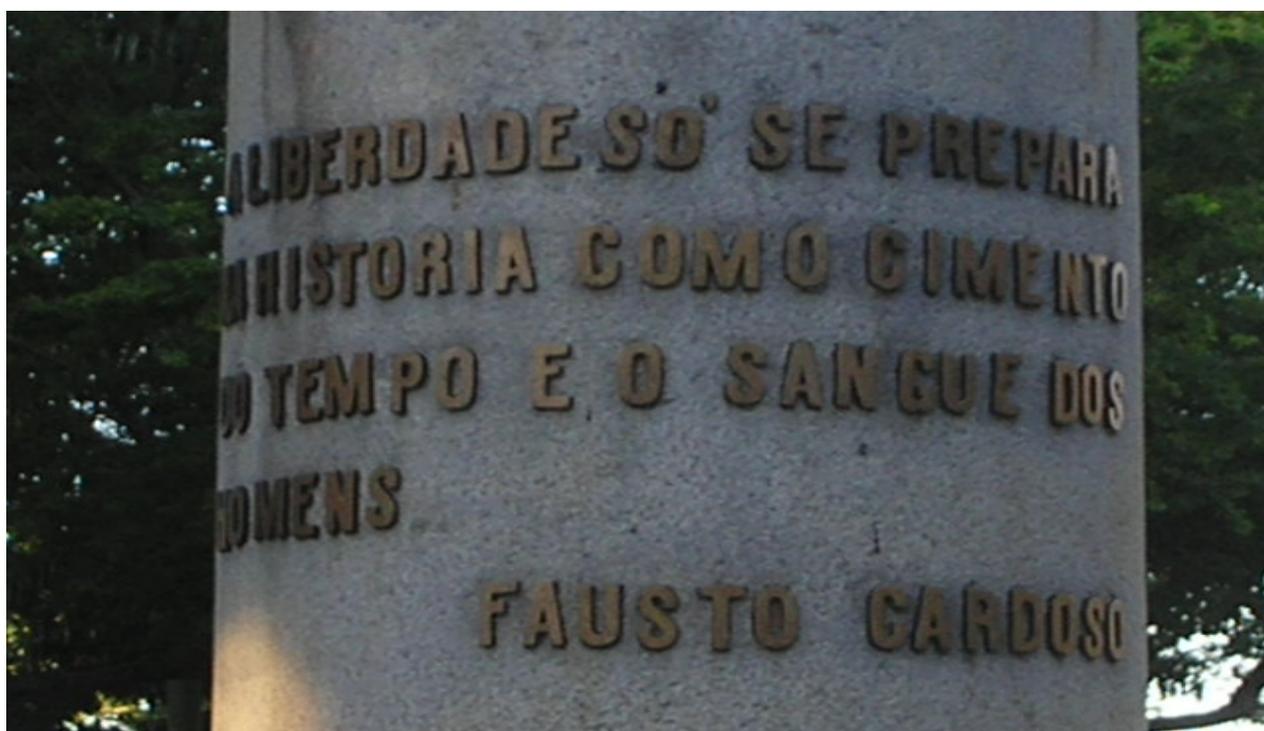
REFERÊNCIAS

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, vol. 1, n. 1 (1913) Aracaju: **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, ed. Comemorativa da Revolta de Fausto Cardoso.

ANEXOS



FAUSTO CARDOSO



FRASE DE FAUSTO CARDOSO



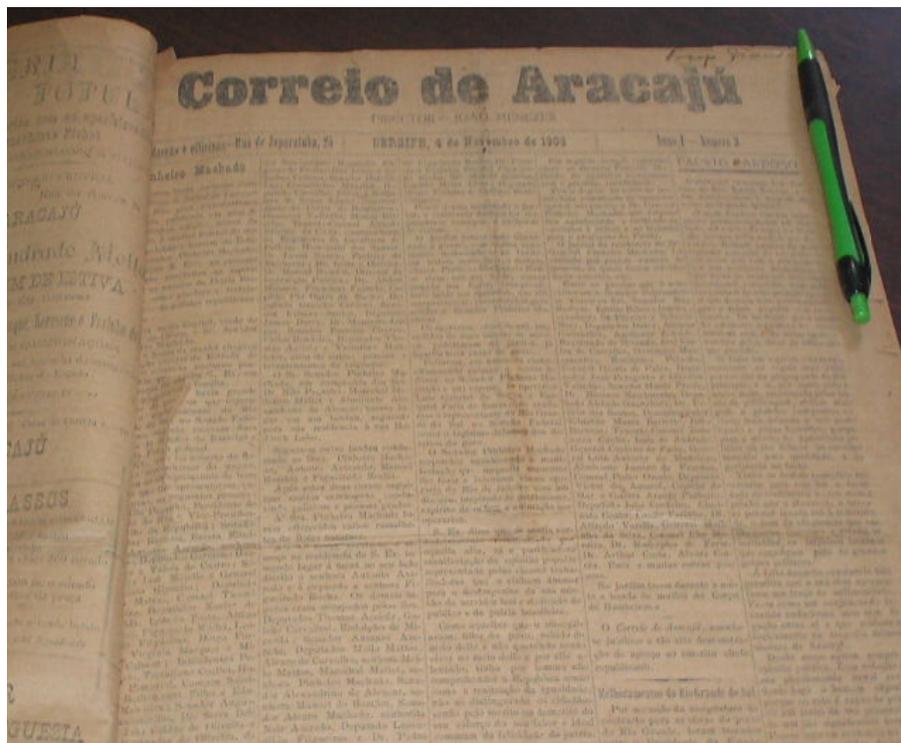
HALL DO PALÁCIO FAUSTO CARDOSO



PERFIL DO MONUMENTO FAUSTO CARDOSO



PALÁCIO FAUSTO CARDOSO



MATÉRIA SOBRE FAUSTO CARDOSO PUBLICADA NO JORNAL CORREIO DE ARACAJU



MONUMENTO DO HERÓI FAUSTO CARDOSO



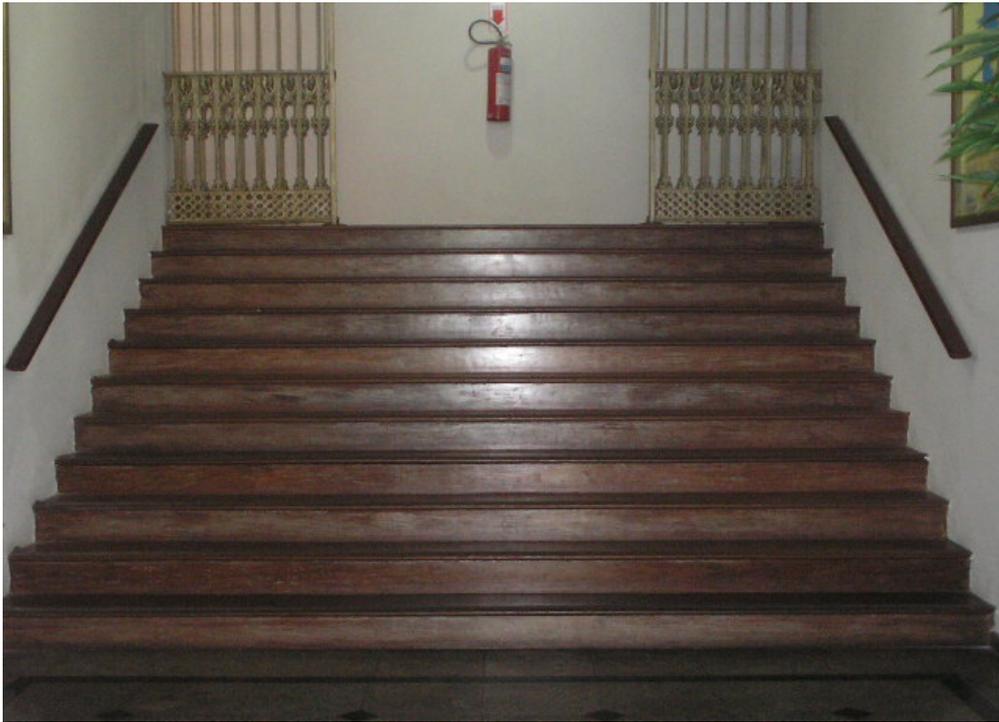
MONUMENTO DE FAUSTO CARDOSO VISTO DE COSTAS



VARANDA DO PALÁCIO



FRENTE DO PALÁCIO



ESCADARIA DO PALÁCIO FAUSTO CARDOSO ONDE ELE LEVOU OS TIROS



PRAÇA FAUSTO CARDOSO



HOMENAGEM A FAUSTO CARDOSO



JARDIM DA PRAÇA FAUSTO CARDOSO



PLACA EM HOMENAGEM A FAUSTO CARDOSO



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA



**FRASE DO HERÓI SERGIPANO:
FAUSTO CARDOSO**